

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PEJA – PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BLOCO 1

As relações sociais e a natureza:
A humanização do tempo e do espaço

CADERNO DO PROFESSOR

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Esse material didático que você está recebendo gravado em CD é de caráter experimental, com o objetivo de ser explorado e conhecido pelos docentes de História e Geografia do PEJA ainda no ano de 2008. Sua aplicação no campo e entrega para os alunos será feita gradativamente ao longo do biênio 2009/2010.

“Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática,
boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar.”
Paulo Freire

Caro(a) Professor(a):

O nome deste caderno é bem esse mesmo: **Caderno do Professor** ou da **Professora**, como queiram. O fato é que, este **Caderno** é realmente seu, colega de ofício.

Tanto é seu, que você é quem vai definir como vai usá-lo. O que nós pedimos é que você pelo menos dê uma lida atenciosa e crítica. Percebemos que valeria a pena criá-lo, quando lembramos que o desafio de trabalharmos disciplinas tão dinâmicas quanto História e Geografia não é nem pequeno e nem fácil.

Pensando em nós, no cotidiano das Escolas, no desafio diário da docência e na especificidade do pessoal (docentes e discentes) do PEJA, tentamos balancear o material de apoio didático (o Caderno do Aluno) com essas reflexões.

Quer dizer colocamos em nossas mãos – ainda bem! – a possibilidade do equilíbrio entre o texto (às vezes direto, e objetivo da aula) e, ainda, a possibilidade do aprofundamento, da pesquisa, da diversidade. Esperamos que perceba as dicas que julgamos interessantes: textos, músicas, charges, mapas e até atividades para sala-de-aula.

Foram pensadas e escolhidas com o intuito de facilitar nosso trabalho docente, regente e desafiante.

A intenção é: leia. A sugestão é: use, abuse, amplie. Uma coisa garantimos: não tem contra-indicação.

Em tempo, o Caderno do Aluno é organizado em dois Blocos e, cada Bloco, em três Unidades de Progressão:

Bloco 01 - As Relações Sociais e a Natureza: a humanização do Tempo e do Espaço

- UP1: A História e a Geografia como possibilidade de Leitura do Mundo.
- UP2: Compreendendo a Dinâmica Social: as relações de poder e o Estado.
- UP3: A formação da Sociedade e a ocupação do Espaço Brasileiros.

Bloco 02 - Globalização e Mundo do Trabalho: consolidação e Transformações no Capitalismo.

- UP1: O Local e o Global no Processo de Globalização e da Economia.
- UP2: Brasil: Da Modernização Conservadora à Globalização.
- UP3: Cultura e Sociedade: Diversidade não é Desigualdade.

As Unidades de Progressão se dividem, ainda, em **módulos**.

Os módulos foram pensados como interlocutores na construção dos conhecimentos de História e Geografia, levando em conta as peculiaridades da modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental.

É importante lembrar que uma apostila que se propõe a discutir temas de duas ciências dialéticas possui sempre um **caráter provisório**. Este material pretende apenas servir de apoio ao seu trabalho, suas aulas deverão continuar orientadas por objetivos construídos no contexto de sua unidade escolar e de suas opções conceituais e político-pedagógicas. Bom trabalho!

Um abraço,
Os autores

Professores - Autores

Adelino de Carvalho – CREJA (2007)

Adriano Gama de Oliveira – Escola Municipal Comunidade de Vargem Grande (7ª CRE)

Carlos Henrique de Freitas Azevedo – CIEP Graciliano Ramos (4ª CRE)

Claudio Homero Diniz – CIEP Ministro Marcos Freire (10ª CRE)

José Carlos Lima de Souza – Escola Municipal Alagoas (3ª CRE)

Maria das Graças Schttino Vieira – Escola Municipal Barcelona (5ª CRE)

Maristela Conceição Dias Siqueira – Escola Municipal Vitor Meireles (7ª CRE)

Nerilson Denevides Liers – Escola Municipal Levy Miranda (6ª CRE)

Ofélia Pereira Ferraz – Escola Municipal Jorge Zarur (8ª CRE)

Paulo Gomes Coutinho – CIEP Antonio Evaristo de Moraes (8ª CRE)

Rosa Maria Pires de Freitas – CREJA (2007)

Coordenação da Equipe de Professores-autores: Alessandra Nicodemos

OBJETIVOS

- Estudar o conceito de identidade a partir das relações de gênero, idade, etnia, minorias e classes sociais.
- Propiciar o sentimento de descoberta sobre si mesmo (a).
- Discutir o papel social que desempenhamos no espaço em que vivemos.

CONTEÚDOS

- Conceito de Identidade.
- Relações de gênero.
- Papel social.
- Minorias sociais.
- Classes sociais.

JUSTIFICATIVA

Um dos objetivos do módulo Identidade é incentivar o educando na construção do processo de descoberta de si mesmo e do papel social que poderá desempenhar no espaço em que vive.

Quando perguntamos ao educando: “Quem é você?”, procuramos despertar neste jovem e adulto o tipo de homens e mulheres que são: pais, filhos, estudantes, trabalhadores, eleitores e tantas outras coisas intrinsecamente relacionadas às questões de gênero, faixa etária, etnia, minorias e classes sociais, que fazem com que seja ator-sujeito de seu próprio tempo e espaço.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Após a leitura dos textos, indague: **Quem é você?** Peça a cada um que conte ao colega ao lado alguns pontos de sua vida. Você poderá orientá-los com os seguintes dados: Nome / Idade / Lugar em que nasceu / Onde trabalha / Estado civil / Filhos / Do que gosta/ Que religião professa. As respostas deverão ser feitas de forma orientada, para que possam ser registradas no Pardão¹. À medida que as histórias orais forem contadas, você poderá organizá-las em forma de gráficos, destacando as relações de gênero, de idade, de etnia e de classe social.
2. Exposição de Fotografias. Esta atividade proporciona ao educador ampliar os conhecimentos utilizando recursos dinâmicos, lúdicos e interativos, ajudando a desenvolver a socialização e integração da turma. Solicite aos estudantes fotografias de quando eram crianças, mais jovens e/ou adolescentes e recentes. Se não tiverem fotografias do tempo da infância ou da juventude, que tragam fotografias de um filho(a) ou de um neto(a), afinal, os filhos e os netos são vitórias de uma experiência de vida.

¹ A denominação foi criada pelo professor Carlos Henrique de Freitas Azevedo (Escola Municipal Graciliano Ramos) à medida que usava o papel pardo como painel em suas aulas.

OBJETIVOS

- Propor uma reflexão sobre a importância da memória em nossas vidas.
- Resgatar momentos e experiências marcantes da vida da comunidade escolar.
- Observar a memória como uma ferramenta importante no processo de humanização do tempo e do espaço.

CONTEÚDOS

- Conceito de memória.
- Tipos de memórias: individuais e coletivas.
- Construção e preservação da memória.
- A memória preservada e memória apagada: os interesses envolvidos.

JUSTIFICATIVA

O módulo propõe uma reflexão com a comunidade do PEJA sobre a importância da *memória* no nosso cotidiano. Esperamos que, conversando sobre *memória*, seja possível resgatar momentos e experiências marcantes da comunidade em que a escola esteja localizada. Este resgate pode servir para uma reflexão interdisciplinar sobre os variados aspectos que envolvam a escola, sua comunidade e seus interesses.

Ao propormos o tema *memória* dentro da PEJA, numa perspectiva geohistórica, é nossa intenção que este elemento seja reconhecido como fundamental no processo de construção da consciência e da identidade de pessoas. Identidade com os locais (de nascimento, de convivências e de produção), com histórias vividas e com as realidades em construção.

Esperamos que a utilização deste módulo colabore em nossos encontros semanais com as turmas de PEJA, tornando-os momentos ainda mais instigantes e que, desta forma, não saiam mais das nossas memórias.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Por meio do resgate da memória de cada aluno, propor a composição de uma memória coletiva. O trabalho com fotos, recortes e imagens de pessoas, de monumentos e movimentos da vida da comunidade ou da escola podem ser instrumentos na construção dessa memória.
2. Exposições de imagens com fatos relevantes para a comunidade podem render situações e debates interessantes. Por exemplo, o que estava acontecendo de relevante no mundo, no Brasil, e na cidade do Rio de Janeiro quando você nasceu ou quando a escola foi inaugurada?
3. Entrevistas com moradores da “velha-guarda” do bairro. A partir destes depoimentos, podem ser mapeadas as alterações geográficas do bairro.

OBJETIVOS

- Entender cultura como significados compartilhados por um grupo.
- Reconhecer a existência da pluralidade cultural entre os povos.
- Identificar a diversidade de identidades culturais dentro da sociedade brasileira.
- Refletir sobre as relações de poder que se estabelecem entre povos de culturas diferentes.

CONTEÚDOS

- Conceito de cultura.
- Aspectos materiais e imateriais da cultura.
- Diversidade cultural.
- Etnocentrismo.

JUSTIFICATIVA

Quando iniciamos a discussão do módulo, abordando a diversidade da cultura indígena, nossa intenção foi estender essa reflexão para além do simples reconhecimento da existência dessa pluralidade. Queremos também oferecer instrumentos que levem à compreensão das relações que existem entre essas culturas, que podem ser de simples trocas, de submissão ou dominação. Que possam perceber as contradições que existem dentro da nossa própria sociedade, com a valorização do modo de pensar e agir de determinados grupos em detrimento de outros, ou seja, que o enfoque sobre a diversidade cultural não encubra a existência das desigualdades.

Resgatar as experiências de vida dos educandos: suas origens, gostos e costumes (alimentação, modo de festejar e falares) nos permite reconhecer a riqueza da diversidade de identidades culturais que existem em nossa cidade, como também discutir os preconceitos que tantas vezes estão presentes no nosso dia-a-dia, como a naturalidade do uso de termos como “**paraíba**”, “**caipira**”, “**favelada**”, “**nequinho**” e outros.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Leitura do texto do Roberto da Matta: “Você tem cultura?” (anexo). Nele o autor aborda os vários significados da palavra cultura, oferecendo uma contribuição a mais para a discussão do tema.
2. Atividade com músicas, problematizando os termos clássico e popular, fazendo uma comparação entre trechos de músicas “clássicas” mais conhecidas como Bolero, de Ravel, a 5ª Sinfonia de Beethoven ou o Trenzinho Caipira de Villa-Lobos e trechos de músicas mais “populares” como o samba, o forró, o hip hop e o funk. Você poderá problematizar os termos *clássico* e *popular*.
3. A partir de um banco de imagens, criado com revistas e jornais, debater os modos de viver de diferentes povos ou grupos sociais. Registre no pardão, com o contorno do Brasil, o mosaico de etnias e culturas que compõe a sociedade brasileira.

OBJETIVOS

- Conceituar tempo.
- Perceber que a idéia de tempo varia de acordo com a cultura de um grupo.
- Discutir a noção de tempo na nossa sociedade.

CONTEÚDOS

- Conceito de Tempo.
- Tempo histórico e climático.
- Tempo e dominação.
- Tempo e cultura.

JUSTIFICATIVA

A noção de tempo é um dos conceitos básicos com que nos deparamos no trabalho com as disciplinas de História e Geografia. Nesta proposta de módulo, apresentamos uma discussão do conceito procurando dialogar com os alunos, partindo daquilo que pensamos ser a sua realidade de vida: O que é o tempo? O que ele tem sido para nós? Quem é senhor do nosso tempo?

A lógica do capital, própria da nossa sociedade, não é a única forma de nos relacionarmos com o tempo. Você poderá discutir com seus alunos essas formas diferentes de se perceber o tempo. Na trajetória de um povo, o tempo ganha uma dimensão que se assemelha, para muitos, com desenvolvimento e evolução. Nesse sentido, o módulo poderá contribuir para que se amplie a noção eurocêntrica de padronizar as sociedades, impondo-lhes ritmos de tempo, desenvolvimento e evolução.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Entregar a cada aluno, ou grupo, uma parte do Eclesiastes (caderno do aluno). Pedir que ilustrem esta parte num pardão. Por fim, cada aluno, ou grupo, vai ao quadro ou mural apresentar e explicar sua ilustração. É importante deixar o trabalho exposto. Dessa forma, você pode voltar a ele de maneira quase imediata. Esse é um momento importante para observar e desenvolver a oralidade dos seus alunos, socializar as experiências, valorizar a produção e avaliar o desenvolvimento do trabalho.
2. **Como está o tempo hoje? Será que em todos os lugares do Brasil o tempo está igual?** A partir dessas perguntas, você pode entregar aos alunos um mapa do tempo e pedir que eles registrem num quadro as condições climáticas em determinados estados brasileiros, como temperatura máxima e mínima, os estados mais quentes e mais frios. Nesta atividade os alunos poderão se familiarizar com o mapa do Brasil e com a leitura de mapas, reconhecer os estados brasileiros e a diversidade climática do Brasil, desenvolvendo a noção de tempo climático.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 1: A História e a Geografia como possibilidade de leitura do mundo

MODULO: **Espaço**

OBJETIVOS

- Reconhecer as transformações do espaço no tempo, percebendo as ações humanas nesse processo.
- Diferenciar os tipos de espaço.
- Compreender o espaço geográfico e suas contradições.

CONTEÚDOS

- Conceitos de espaço, lugar e paisagem.
- A humanização do espaço.
- Diferentes tipos de espaço.

JUSTIFICATIVA

A diversidade sociocultural dos educandos do PEJA permite ao professor uma ação pedagógica que promova uma leitura crítica do espaço. A partir das representações que o aluno tem do espaço em que vive, o professor deve mediar um debate entre essa representação e os conceitos geográficos propostos no módulo. Deve-se destacar que as transformações ocorridas no espaço são resultantes da dinâmica social, refletindo as contradições sociais e as vantagens e desvantagens dessas transformações na vida de todos.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Promover uma pesquisa sobre o nome do bairro da escola e incentivar que essa pesquisa seja ampliada para o nome do bairro em que o aluno mora. Relacionado, ainda, o espaço natural e a ocupação humana nessas localidades.
2. Problematicar os termos: **comunidade** e **favela**. Elabore um texto coletivo sobre as reflexões da turma.

OBJETIVOS

- Reconhecer o que é a História.
- Refletir sobre como se faz a História.
- Perceber a importância de se estudar História.

CONTEÚDOS

- Conceito de História.
- Os calendários e seus marcos iniciais.
- A produção histórica e historiográfica.

JUSTIFICATIVA

Propomos, aqui, uma maneira de ver a História como uma ferramenta importante para um melhor conhecimento do presente vivido, compreendendo as origens dos processos históricos que conduziram as sociedades do passado às atuais, tendo em vista as transformações ocorridas nas formas de organização econômica, social e política das sociedades humanas no tempo. O fundamental neste módulo é perceber que somos sujeitos da História, pois a construímos no cotidiano, a partir de nossas práticas de vida.

Quando convidamos o educando a refletir sobre o estudo da História, podemos mostrar, ainda, de que forma a disciplina pode nos ajudar a perceber as características do tempo, da época em que vivemos, e assim nos situarmos em relação a outros tempos e outros espaços.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Análise de fonte primária: na página do jornal O GLOBO, no material do aluno, o educador pode sugerir que os alunos investiguem informações interessantes em destaque, trabalhando aquele fragmento de jornal como uma fonte histórica. Peça que os educandos façam um inventário das curiosidades ali registradas, como por exemplo:
 - A própria data da edição, que é a data da Proclamação da República (o feriado nacional de 15 de Novembro);
 - A representação do Ano LXXXI em romanos;
 - O endereço eletrônico do jornal, como uma fonte de consulta ou uma espécie de arquivo, com informações catalogadas e organizadas;
 - A menção aos quiosques do futuro, como uma idéia de antecipação de tendências, o que pode antecipar a idéia de que os homens constroem hoje um modelo de quiosque que será moda amanhã;
 - Os movimentos sociais na França e a revolta dos jovens da "periferia", explorando a visão do jornal acerca do acontecimento, mostrando que é um veículo feito por homens, e que não é neutro em relação ao fato ocorrido;
 - As relações sociais produzindo a história: epidemia versus economia (os impactos da febre);
 - Os 80 anos do jornal O GLOBO: o veículo como ator histórico e como fonte.

OBJETIVOS

- Compreender que estudar Geografia é uma forma de ler o mundo.
- Proporcionar o conhecimento da natureza em suas múltiplas relações.
- Compreender a importância de preservação do meio ambiente.

CONTEÚDOS

- Conceito de Geografia.
- Cartografia.
- Meios de Orientação.

JUSTIFICATIVA

Este módulo tem como proposta estudar os conceitos geográficos que ajudem o educando a construir o entendimento de como nos localizamos e nos relacionamos no mundo. É importante salientar que o mesmo já detém esse conhecimento, contudo não dispõe dos mecanismos metodológicos para relacionar e compreender a dimensão dos lugares e dos espaços construídos historicamente. Desta forma, estaremos contribuindo para uma postura ecológica responsável de nossos educandos.

Através de mapas e outros instrumentos apresentados no módulo, procuramos possibilitar ao educando o entendimento dos diferentes referenciais de localização e orientação estudados pela Geografia

PROPOSTA DE ATIVIDADES

1. Leitura de mapas. Propor uma atividade que identifique as diferenças entre os mapas já exemplificados no material do aluno. Você poderá usar o Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro (SME).
2. Relacione o lugar do Estado e município do Rio de Janeiro em relação ao Brasil, Brasil em relação à América do Sul e o nosso continente em relação ao planeta em que vivemos. Você pode fazer ainda a leitura da música "Terra" (Caetano Veloso), com a turma, pedindo que grupos façam cartazes sobre a nossa "Nave-mãe: o planeta Terra".
3. Conhecendo o relevo. Convide os alunos a observar das janelas (de casa, o ônibus ou do trem) as serras que cobrem o Rio de Janeiro. Os morros e os maciços serranos constituem a peculiaridade da beleza do relevo carioca. É dessa maneira que devemos dar destaque ao aprendizado de nosso relevo: sua estética, sua história econômica, seu valor turístico e hídrico.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 2: Compreendendo a dinâmica social: as relações de poder e o estado.

MÓDULO: **Trabalho**

OBJETIVOS

- Compreender a Divisão Natural e a Social do Trabalho.
- Observar que o trabalho faz parte da história da humanidade.
- Reconhecer o papel social que os sujeitos históricos desempenham nas relações de trabalho.

CONTEÚDOS

- Conceitos de Divisão de Trabalho.
- Comunidades Primitivas.
- Sociedades Agrárias.

JUSTIFICATIVA

Propomos na UP2, um tema conceitual que suscite discussões entre os educandos que possam construir paralelos com as suas realidades. Procuramos abrir o módulo sobre Trabalho com dois textos muito originais, o primeiro: o primeiro é uma leitura do Livro do Gênesis, muito difundida, sobre a questão do labor masculino e o segundo, uma leitura paleontológica, em que o autor relata a luta pela sobrevivência desencadeada tanto por homens, quanto por mulheres. Isto vai proporcionar um novo olhar sobre o papel da mulher como colaboradora na história da humanidade, pois ela foi a autora da descoberta da germinação das sementes e a responsável, a priori, pela engenharia técnica, em razão de as atividades artesanais serem desempenhadas pela mulher.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. **Como está dividido o trabalho em nossa casa?** Convide a turma a representar, a partir das divisões de tarefas da própria família, a Divisão Natural do Trabalho.
2. A Divisão Social do Trabalho. Peça que eles falem sobre as relações funcionais da empresa em que trabalham. Se a maioria da turma for de trabalhadores autônomos ou da economia informal, eles podem avaliar outras instituições hierárquicas como a Escola, a Igreja ou algum clube recreativo. O importante é o viés entre aprendizado e a vida cotidiana. Veja o modelo proposto: descobrir se a maioria de funcionários está em cargos de produtividade, de confiança ou de chefia. Outra sugestão é avaliar faixas de salários. Elabore uma tabela com os dados. Após a leitura da mesma, você poderá montar pirâmides de estratificações sociais sobre a hierarquia de cargos, do tipo: o cargo mais alto (o de chefia - com mais privilégios) encontra-se no alto da pirâmide. O cargo intermediário (de confiança, com alguns privilégios), encontra-se no meio da pirâmide. Na base da pirâmide, encontram-se os cargos subalternos: a maioria.
3. Ainda no tema da Divisão Social do Trabalho, apresente à turma a importância de cargos funcionais na história ocidentalizada, na perspectiva da conceituação do legado cultural grego: os três modelos de trabalho: labor, poiesis e a práxis. (anexo)

OBJETIVOS

- Identificar nas relações sociais a idéia de propriedade.
- Diferenciar propriedade e posse.
- Entender o processo de surgimento da propriedade privada.
- Avaliar a responsabilidade individual e coletiva no cuidado com as propriedades públicas.

CONTEÚDOS

- Conceito de propriedade e posse.
- Tipos de propriedade: coletiva, pública e privada.

JUSTIFICATIVA

A palavra propriedade possui uma ampla gama de significados, variando dos termos da lei ao senso comum. Quando elaboramos o módulo Propriedade, nossa intenção foi a de provocar a reflexão sobre a existência da **propriedade privada**, suas origens e seu papel, como uma das bases constituidoras das sociedades capitalistas atuais, situando dentro deste contexto a sociedade brasileira, a partir de elementos presentes no dia-a-dia dos nossos educandos.

Também não poderíamos deixar de abordar os dois outros tipos de propriedade significativos na vida dos brasileiros: a **propriedade coletiva**, presente na Constituição Brasileira, que caracteriza como tal as terras ocupadas por tribos indígenas e pelos remanescentes de quilombos. E a **propriedade pública**, vista como instrumento do Estado para organizar a vida do seu cidadão.

Procuramos oferecer elementos que levem o educando a entender que o conceito de propriedade é historicamente construído e não pode ser naturalizado.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Faça um júri simulado com o seguinte tema: **A população brasileira cuida bem das propriedades públicas?**
2. Faça um levantamento sobre os tipos de propriedades que existem próximas à escola e/ou local de moradia dos alunos. Você pode sugerir uma comparação sobre a conservação de tais prédios.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 2: Compreendendo a dinâmica social: as relações de poder e o estado.

MÓDULO: **Estado**

OBJETIVOS

- (Re)construir o conceito de Estado dissociando-o de governo.
- Localizar historicamente as origens do Estado.
- Reconhecer os elementos componentes do Estado.
- Perceber a relação cotidiana do Estado em nossas vidas.

CONTEÚDOS

- Origem histórica do Estado.
- Diferença entre Estado e Governo.
- Sistemas e Formas de Governo.
- Estado e sociedade.

JUSTIFICATIVA

No mundo em que vivemos, percebermos que em todos os locais e a todo o momento vivenciamos relações de poder: é o poder oficial que nos impõe regras, taxas, comportamentos e atitudes ou o poder paralelo, que também nos impõe regras, taxas, comportamentos e atitudes...

Nós educadores, que buscamos, pelo menos, entender a realidade, não podemos desperdiçar a oportunidade de discutir e tentar desvendar as relações e interesses – públicos e/ou privados – que estão em jogo no cotidiano, com a comunidade escolar.

Discutir as relações de poder e o funcionamento do Estado pode nos ajudar a ser cidadãos mais participativos na construção de um mundo mais fraterno. Trazer a discussão do funcionamento do Estado para a sala de aula é uma tarefa necessária e urgente.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Usando informações do Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro e do Instituto Pereira Passos, elaborar com as turmas um levantamento dos serviços essenciais que são oferecidos no bairro onde sua escola esteja localizada, observando o que é público e o que é privado. Você pode fazer um gráfico ou tabela com as informações obtidas.
2. Com a frase de Lima Barreto: **“O Brasil não tem povo, tem público”**, analisar com a turma a necessidade de mudanças nas relações Estado x povo brasileiro.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 2: Compreendendo a dinâmica social: as relações de poder e o estado.

MÓDULO: **Poder**

OBJETIVOS

- Identificar os elementos constituintes do poder na nossa sociedade.
- Reconhecer-se como indivíduo político dentro da sociedade em que vive.
- Reconhecer nas relações de poder os grupos sociais de maior influência e os de menor influência.

CONTEÚDOS

- Conceito de Poder.
- Elementos constituintes do poder.
- Relações de Poder.

JUSTIFICATIVA

Muitas vezes, nossos alunos têm dificuldade de compreender muito bem que a sociedade e o Estado constituem-se de um jogo de poder, em que, não raro, alguns dominam a cena política e passam a ter uma posição privilegiada dentro da sociedade e, em algumas situações históricas, perpetuando-se

Esse módulo tem, nessa dificuldade, a sua razão de existir. Construir com os alunos noções sobre como as relações de poder têm influenciado na formação do Estado e das organizações políticas e desvendar seus elementos constitutivos é uma parte do caminho para a cidadania crítica, que poderá colocá-los em condições de compreender as diversas realidades históricas e o mundo atual.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Atividade com música. Você poderá fazer uma análise coletiva sobre as relações de poder em nossa sociedade, por meio das músicas *Podres Poderes*, de Caetano Veloso, e *Roda Viva*, de Chico Buarque de Holanda e Rui Guerra.
2. O professor poderá escolher com a turma quais são os principais problemas ou aqueles mais graves no Brasil de hoje. Relacionar as relações de poder a tais problemas. Estimule a turma a escrever um texto apontando as possibilidades de soluções desses problemas.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 2: Compreendendo a dinâmica social: as relações de poder e o estado.

MÓDULO: **Capitalismo e Socialismo**

OBJETIVOS

- Caracterizar os modos de produção capitalista e socialista.
- Reconhecer as relações conflitantes entre o capital e trabalho no capitalismo.
- Identificar o distanciamento entre as idéias socialistas e o socialismo historicamente realizado.

CONTEÚDOS

- Conceito de Socialismo e Capitalismo.
- Economia de mercado.
- Economia Planificada.

JUSTIFICATIVAS

Estamos propondo um tema sobre o capitalismo e o socialismo. O mesmo tem, entre outros objetivos, o de levar o educando a refletir sobre as influências, relações e determinações que o capitalismo possui em suas vidas.

Tentamos ainda de uma maneira introdutória abordar as várias relações presentes nas sociedades atuais, como: capital e trabalho, a sociedade de consumo, o socialismo como alternativa, a hegemonia capitalista e a crise do socialismo. É evidente que o tema não se esgota nesse módulo e tais assuntos passam transversalmente pelos dois blocos. Cabe ao educador, atendendo às especificidades da sala de aula, iniciar os alunos na compreensão das relações que vivenciamos diariamente na luta pela sobrevivência.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Solicite aos alunos embalagens vazias de produtos utilizados em seu dia-a-dia. Construa uma planilha indicando as marcas, suas propagandas (slogans) e, se forem multinacionais, localizar em um mapa os países de origem. Dessa forma você poderá elaborar com seus alunos um quadro demonstrativo da economia de mercado.
2. Analise com seu aluno o poema “**Eu etiqueta**” (anexo), problematizando a sociedade de consumo e seus reflexos nas camadas com menor poder aquisitivo.
3. Pesquise com seus alunos reportagens de jornais sobre o embargo econômico imposto a Cuba pelos EUA e seus reflexos na vida cotidiana do povo cubano.

BLOCO 1: As relações sociais e a natureza: a humanização do tempo e do espaço

UP 2: Compreendendo a dinâmica social: as relações de poder e o estado.

MÓDULO: **Constituições Brasileiras**

OBJETIVOS

- Reconhecer o que é uma Constituição
- Conhecer e discutir aspectos da Constituição vigente

CONTEÚDOS

- As constituições brasileiras de 1824 a 1988
- Constituição e sociedade
- A dinâmica do social presente numa Constituição

JUSTIFICATIVAS

Estamos propondo uma análise das Constituições brasileiras, entendendo que elas refletem a dinâmica social brasileira. Como fontes ou ferramentas importantes para um melhor conhecimento do presente vivido, compreendendo a maneira como as conquistas sociais são alcançadas, despertando o aluno para a possibilidade de intervir na sociedade e no tempo em que vive.

Cabe ao educador buscar, com as atividades, as várias maneiras de despertar a atenção dos estudantes para as seguintes questões: O que a democracia tem a ver com a Constituição vigente no país e a influencia das leis no cotidiano dos alunos? Outro aspecto, é que o educador deve estar atento para o fato de que o objetivo do módulo não é linearizar a História de uma sociedade pelas Constituições. Mas, sim, compreender os avanços e recuos, as conquistas e derrotas, presenças e ausências, rompendo, neste caso, com a idéia de progresso e trabalhando com a perspectiva das lutas de grupos sociais por seus interesses.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Monte com os alunos em sala no pardão uma linha do tempo com todas as constituições brasileiras, indicando o ano em que entraram em vigor, deixando que a turma escolha um aspecto em destaque em cada uma delas. É importante que se dê liberdade a cada um para se expressar e destacar o que mais lhe convém, porém o educador pode indagar por que o educando achou aquele item mais importante. Assim será possível ver ainda os diferentes critérios utilizados para o destaque
2. Sobre a importância das constituições, divida a turma em grupos, pedindo que cada um anote algumas regras de comportamento que são seguidas, por exemplo, em sua casa (horários, as tarefas de cada um, organização, limpeza, etc.). Procure se informar também sobre o regulamento ou algum estatuto de sua escola, tentando saber como e por quem ele foi estabelecido. Depois disso cada grupo poderá apresentar seus resultados, destacando aspectos como a importância destas regras para uma boa convivência nos diferentes lugares onde as pessoas vivem e por fim na própria sociedade e no país.

OBJETIVOS

- Compreender o modelo de ocupação do espaço americano pelas populações ameríndias.
- Identificar a diversidade étnica dos povos ameríndios.
- Entender as principais características da paisagem americana.
- Contextualizar o continente americano na atualidade

CONTEÚDOS

- Origens do Homem Americano.
- Divisão geográfica e cultural da América.
- Povos ameríndios.
- América hoje: América anglo-saxônica e América Latina.

JUSTIFICATIVA

Este módulo pretende desfazer a idéia eurocêntrica do descobrimento da América, mostrando ao educando que a história do povoamento e ocupação do continente não se deve à chegada dos europeus. Procuramos desmistificar certa visão idílica que, apesar de ultrapassada, ainda é absorvida pelo senso comum: de uniformidade ou mesmo de inferioridade do **“selvagem que habitava o novo mundo”**.

Ao recuperar a história desses “primeiros donos” do continente desde os tempos remotos e que constituíram modos diversificados de viver, propomos uma reflexão sobre quem eram e como viviam nossos antepassados ameríndios, sem nos desconectar com a realidade do continente americano na atualidade.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Peça que o aluno escreva sobre o desequilíbrio regional presente na continente americano. O texto pode ser enriquecido com uma pesquisa de imagens.
2. Faça com a turma um levantamento das grandes questões que envolvem a América Latina hoje, como as desigualdades sociais, a diversidade econômica e as relações de poder. E, em seguida, monte com os alunos um painel coletivo com desenhos, gravuras de jornais ou revistas.

OBJETIVOS

- Reconhecer a divisão geográfica e cultural do continente.
- Identificar a importância da África como uma das matrizes formadoras do povo brasileiro.
- Reconhecer na história da África elementos que a valorizem como berço da humanidade e patrimônio da história mundial.
- Compreender que a presença europeia trouxe mudanças profundas para o continente.

CONTEÚDOS

- Divisão geográfica e cultural da África.
- As grandes civilizações africanas.
- A escravidão.
- A diversidade étnico-cultural do continente.

JUSTIFICATIVAS

Conhecer um pouco da História da África é resgatar nossa identidade. Conseguir fazer uma reflexão sobre o período que antecedeu a penetração europeia e o impacto desta presença é tentar equacionar o “simplismo” com que a História desse continente vem sendo tratada ao longo do tempo. Ao deflagrarmos a curiosidade e a admiração pelas “coisas” da África, abrimos o caminho para repensarmos a condição dos afro-descendentes, despertando nestes um orgulho de suas raízes. É orgulhar-se de uma História, feita por homens e mulheres, marcada pela resistência e por grandes civilizações. Este orgulho despertado provoca o questionamento às manifestações racistas, sejam elas explícitas ou implícitas, ainda presentes em nosso país.

O módulo, entretanto, não se propõe a esgotar o tema, tendo em vista a sua complexidade. Mas sim, despertar anseios de se ampliar esses conhecimentos, com diferentes mídias (livros, vídeos, filmes, e outros), concorrendo para a aplicação da Lei 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. É bom lembrarmos a necessidade de o PEJA inserir-se neste propósito da lei, visto que, a maioria de seus alunos possuem, notadamente, afro-descendência.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Reunindo os alunos em grupos e utilizando gravuras de jornais e revistas, propor que os mesmos construam pequenos cartazes com frases e imagens que justifiquem o título do módulo: **Mãe África**.
2. A partir de reportagens que trazem dados sobre a AIDS no continente africano, problematizar os elementos que marcam as desigualdades entre países ricos e pobres.
3. A partir da letra do samba cujo refrão abre o módulo promover um “festival de paródias” sobre o tema estudado, utilizando músicas da herança afro-brasileira.

OBJETIVOS

- Contextualizar o momento em que na Europa, os agentes históricos reuniram condições para partir em direção a um novo mundo.
- Abordar o movimento renascentista como um momento fundamental para a consolidação da burguesia.
- Perceber o papel destacado e específico de Portugal no projeto das Grandes Navegações.
- Identificar questões atuais da Europa.

CONTEÚDOS

- A Europa na transição do feudalismo para o capitalismo.
- O pioneirismo português.
- As motivações das grandes navegações.
- A Europa hoje.

JUSTIFICATIVA

A proposta desta Unidade é abordar o contexto europeu que antecedeu a colonização do continente americano. Trataremos de forma particular, da passagem do sistema feudal para o sistema capitalista, o pioneirismo português e as motivações das grandes navegações. Tal proposta se insere no esforço de relacionar o processo de ocupação do território brasileiro com o contexto de expansão européia .

Procuramos ainda situar a Europa no presente na perspectiva de apresentar os seus conflitos internos e sua importância na geopolítica atual.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Propor uma leitura comparada entre as relações contratuais da sociedade industrial e as relações servis e pessoais do mundo feudal, baseadas na suserania e na vassalagem, para a turma perceber as diferentes formas de dominação e exploração.
2. Atividade com mapas. Pesquise com seus alunos as mudanças no mapa físico da Europa ao longo o século XX. Relacione essas mudanças aos conflitos étnicos da região.

OBJETIVOS

- Compreender a formação do território brasileiro no processo de colonização portuguesa.
- Identificar os impactos da ocupação territorial nos principais ecossistemas brasileiros.
- Situar as atividades econômicas desenvolvidas no processo de ocupação dos espaços brasileiros
- Identificar os elementos do espaço físico brasileiro.

CONTEÚDOS

- A conquista colonial.
- As atividades econômicas do período colonial brasileiro.
- A destruição das florestas brasileiras.
- Espaço Físico brasileiro.

JUSTIFICATIVA

Nesta unidade demonstramos as diversas atividades econômicas que foram cruciais para o processo de ocupação e construção dos espaços brasileiros.

A chegada do colonizador europeu representou a inserção do Brasil no mercado mundial como fornecedor de matérias-primas para os grandes centros europeus. É nesse contexto que podemos entender atividades extrativas e outras formas de utilização econômica da terra, como a lavoura canavieira e a mineração, desenvolvidas exclusivamente para atender aos interesses da metrópole. Esta forma de colonização implicou a conquista e submissão das populações nativas e o desenvolvimento de uma mentalidade extremamente utilitarista e predatória, resultando na exploração irracional que levaria ao esgotamento, em alguns casos, em curto espaço de tempo, dos recursos naturais.

Dentro do debate sobre a preservação ambiental, introduzimos noções básicas sobre aspectos do espaço físico brasileiro.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES:

1. Organize um júri simulado sobre biopirataria e o impacto dessas práticas no meio ambiente brasileiro.
2. Pesquisa sobre os tipos de ervas caseiras utilizados pela população. Você pode organizar uma feira, a partir das experiências dos alunos com o uso dessas ervas.

OBJETIVOS

- Resgatar a história da cidade do Rio de Janeiro.
- Refletir sobre a importância da preservação da memória, a fim de se reencontrar com a própria identidade, em processo permanente de construção.
- Observar a paisagem carioca e refletir criticamente sobre a sua transformação.

CONTEÚDOS

- Fundação da cidade do Rio de Janeiro: a invasão francesa.
- Urbanização da cidade: ocupação do espaço geográfico.
- A mudança do centro econômico do Nordeste para o Rio de Janeiro.
- A Família Real no Brasil.
- A ocupação das áreas periféricas da cidade.

JUSTIFICATIVA

Este módulo tem, entre outros objetivos, resgatar, com os alunos, a importância e a tradição dos bairros onde residem e/ou estão situadas às escolas, dando-lhes uma visão do passado histórico da cidade e do país, incentivando-os a lutar pela preservação e conservação do patrimônio histórico.

Quando apresentamos aos estudantes a história da cidade onde vivem, pretendemos despertar neles a curiosidade para a pesquisa das origens dos bairros e das unidades escolares, contribuindo, assim, com o processo de construção da consciência e da identidade desses alunos como sujeitos singulares e múltiplos e como cidadãos cariocas, sul-americanos, cidadãos do mundo.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. **“Passeio pelo Rio de Janeiro”**. Elabore com seus alunos roteiros para uma visita à cidade. Os critérios para a elaboração dos roteiros devem ser históricos e/ou geográficos. Exemplos: Roteiros de Bairros do Período Imperial ou Roteiros de Bairros com Praias.
2. Pesquise sobre a diferença entre o **“Morro e o Asfalto”**. Você poderá sugerir alguns aspectos para serem comparados: violência, padrão de vida, acesso a bens culturais e outros.

OBJETIVOS

- Reconhecer as principais formas de resistência à escravidão e à dominação empreendida pelos negros africanos e indígenas no Brasil, identificando-as como lutas do povo brasileiro.
- Desmistificar a idéia de que as relações de dominação no seio da sociedade brasileira se deram de forma pacífica e natural.

CONTEÚDOS

- A resistência à escravidão e à dominação dos negros e índios no Brasil.
- As diversas formas de resistência à dominação e à escravidão.

JUSTIFICATIVA

Trazer o tema da resistência à escravidão para o nosso cotidiano de aula é, para nós, uma maneira de desmistificar a noção de senso comum sobre a passividade do povo brasileiro e de uma História do Brasil sem conflitos. Trabalhar esse tema pode possibilitar, também, uma visão de que a ação social transformadora é possível e desejável, num Brasil atual de desigualdades profundas.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1. Organize com seus alunos um sarau com músicas que expressem a causa da resistência. Você pode pedir para que eles tragam sugestões ou buscar você mesmo algumas do cancionário popular brasileiro. Junte-se com o professor de Língua Portuguesa e tente realizar um trabalho de interpretação dessas canções.
2. **Quanto vale um feriado? É possível dar um valor monetário à cultura?** Discuta com seus alunos essas questões e solicite um texto síntese.

OBJETIVOS

- Reconhecer traços do passado colonial no Brasil atual.
- Perceber soluções para os problemas brasileiros, rompendo com a lógica determinista do “subdesenvolvimento”.

CONTEÚDOS

- Desigual distribuição da população brasileira pelo território nacional.
- Política de ocupação e desenvolvimento para a região amazônica.
- Desigualdade étnica no Brasil.

JUSTIFICATIVA

Propomos uma reflexão acerca de alguns problemas enfrentados pelo Brasil do tempo presente, que guardam profunda ligação com as estruturas coloniais implantadas pela metrópole portuguesa na América.

E para melhor refletirmos sobre tal ligação passado-presente, escolhemos temáticas de diversos matizes para desenvolver a abordagem reunida sob o título **A Herança colonial**. A primeira abordagem diz respeito ao aspecto geoeconômico que afeta a distribuição populacional do país. A segunda está ligada ao aspecto ecológico, econômico e político que envolve a posse e soberania do estado brasileiro sobre a região amazônica. E a terceira diz respeito à desigualdade étnica e seus reflexos no debate atual sobre as ações afirmativas.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES:

1. Selecione uma série de conceitos relacionados aos estudos de populações como taxa de natalidade, taxa de mortalidade, crescimento vegetativo, pirâmides etárias, etc. Proponha à turma uma pesquisa, organizada de modo a cruzar estes conceitos, para formar um perfil do crescimento populacional brasileiro, relacionando-os com os problemas socioeconômicos enfrentados principalmente pelas camadas de sociais de mais baixa renda no país, abordando índices como taxa de desemprego, de escolaridade, violência, o IDH e outros.
2. O professor poderá propor à turma um exercício de interpretação de gráficos, solicitando que cada aluno escolha um gráfico dentre os que estão relacionados à questão da desigualdade étnica no Brasil.
3. Organize um debate sobre as questões apontadas no final do módulo acerca das cotas raciais e outras medidas adotadas para solucionar a questão da desigualdade étnica no Brasil. Se possível colha o relato dos alunos, resumindo-o em um parágrafo intitulado: “**Esta semana O PEJA DA Escola XXXXX debateu... (o tema)**”, com as principais frases e pensamentos que tiveram destaque na discussão.

ANEXOS

1. Você tem cultura

Outro dia ouvi dizer que “Maria não tinha cultura”, era ignorante dos fatos da política, da economia ou da literatura. Uma semana depois, no Museu onde trabalho, conversava com alunos sobre “a cultura dos índios Apinayé”.

Na primeira situação, usa-se o termo cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Cultura equivale aqui a volume de leitura, acesso a informações e títulos universitários. Chega até mesmo a ser confundida com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas fosse arbitrada pelos livros que a pessoa leu, as línguas que pode falar, ou quadros e pintores que pode, de memória, enumerar. A palavra pode estar sendo usada aqui para classificar pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como arma discriminatória contra sexo, idade, etnia ou mesmo sociedades inteiras.

Do mesmo modo, é comum ouvir referências a comunidades humanas cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, como sendo sociedades da “Idade da Pedra” ou em “estágio cultural muito atrasado”. (...)

Quando um antropólogo fala em cultura, usa a palavra como conceito-chave para interpretar a vida social. Cultura não é um referente que marca hierarquias de “civilização”, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Trata-se de um mapa, um código, através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. Em um grupo social, indivíduos de interesses e capacidades distintas, e até mesmo opostas, compartilham parcelas importantes do código cultural, podendo viver juntos e sentir-se parte de uma mesma totalidade.

Roberto da Matta

2. Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

A palavra paisagem é freqüentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há também referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente.

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um Presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.

O espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim.

A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe à paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual.

Segundo C. Reboratti (1993, p.17), “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes”. Na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro.

(...)

Durante a Guerra Fria, os laboratórios do Pentágono chegaram a cogitar da produção de um engenho, a bomba de nêutrons, capaz de aniquilar a vida humana em uma dada área, mas preservando todas as construções. O Presidente Kennedy afinal renunciou a levar a cabo esse projeto. Senão, o que na véspera seria ainda o espaço, após a temida explosão seria apenas paisagem. Não temos melhor imagem para a diferença entre esse dois conceitos.

Milton Santos

3. Os indícios do Desenvolvimento Cultural humano

Durante mais de um milhão de anos os ancestrais do homem viveram como pequenos grupos de caçadores e coletores, usando apenas armas e implementos muito simples, de osso e madeira. Foram poucas as modificações importantes ocorridas no equipamento cultural dos ancestrais do homem, durante esse primeiro milhão de anos. Tal como podemos determinar pela pesquisa arqueológica. Os ricos depósitos de instrumentos de pedras que constituem nossa prova principal para aquele remoto período da cultura mostram um aperfeiçoamento muito gradativo e uma especialização muito lenta no equipamento do homem, desde rudes seixos... até machadinhas cuidadosamente fabricadas.

As escavações arqueológicas da Europa Ocidental constituem provas de um desenvolvimento significativo de complexidade cultural próximo ao término da Idade Glacial. Durante os últimos quarenta mil anos da Grande Glaciação, os “homens da caverna” que percorriam o que é hoje a França e a Espanha, desenvolveram um estilo em suas pinturas nas cavernas e outras obras de arte que ainda hoje se inclui entre as maiores realizações artísticas do homem. Nas paredes de cavernas subterrâneas quase inacessíveis, eles pintaram espantosas representações... de mamutes, bisões, renas e outros animais que eles caçavam. Acredita-se que essas obras-primas tenham sido produzidas com finalidades práticas de magia e ritual de caça, e não como manifestações da arte pela arte.

As modificações verdadeiramente revolucionárias da cultura humana, que tornaram possível a nossa complexa vida moderna, desenvolveram-se durante os últimos dez mil anos (uma pequena fração da história cultural total do homem). A série de invenções que modificaram o modo de vida do homem foi a domesticação das plantas e animais. Escavações (...) no Iraque, Irã e Israel deram-nos, recentemente, uma imagem muito melhor do início provável da “revolução da produção de alimento”. Os indícios arqueológicos e botânicos favorecem, acentuadamente, o Oriente Próximo, como provável “berço natal” da agricultura, pois muitas das plantas que o homem aprendeu a semear, cultivar e colher crescem, espontaneamente, naquela parte do mundo. Em alguns pontos daquela mesma área, os arqueólogos encontraram “foices” de pedra, que provavelmente eram usadas para colher às plantas selvagens, numa época anterior à descoberta, pelo homem, das formas de plantar e cultivar.

(...) Uma antiga aldeia na encosta de um morro no Iraque, denominada Jarmo, parece ter sido um grupo de cerca de 30 casas de barro. As pessoas que ali residiam plantavam cevada, trigo, e tinham animais domésticos, mas também se valiam muito de alimentos silvestres. Essas pessoas, e outras de antigas aldeias semelhantes no Oriente próximo, talvez fossem os descendentes não muito remotos dos primeiros cultivadores do mundo. (...) Os restos da aldeia foram fixados como tendo cerca de 8.500 anos.

(...) As primeiras cidades do mundo, várias das quais muito mencionadas no Velho Testamento, foram construídas nos férteis vales do rio Tigre e Eufrates [atual Iraque]. Um enorme trabalho arqueológico foi dedicado à cuidadosa escavação de indícios da transição de pequenas aldeias agrícolas, como Jarmo, para a concentração de pessoas em cidades como Al Ubaid, da qual nasceu a civilização suméria, que habitou aquela área.

Fonte: Adaptado de Pertti J. Pelto. *Os indícios da evolução cultural humana*.

4. O trabalho na sociedade greco-romana

Os gregos faziam uma distinção clara entre o trabalho braçal de quem labuta na terra e o trabalho manual do artesão e aquela atividade do cidadão que conforme Hanna Arendt (1906-1975), pensadora alemã, os gregos possuíam três concepções para a idéia do trabalho: labor, poiesis e práxis.

Por labor entendia-se o esforço físico voltado para a sobrevivência. Sendo, portanto, uma atividade passiva e submissa ao ritmo da natureza; o exemplo mais claro dessa atividade é o trabalho de quem cultiva a terra, pois ele depende das variações do clima, das estações, ou seja, de forças que o humano não pode controlar. A mesma expressão é utilizada para o momento em que a mulher está em trabalho de parto. Em poiesis a ênfase recai sobre o fazer, o ato de fabricar, de criar alguma coisa ou produto desse trabalho muitas vezes subsiste a vida de quem o fabrica, tem um tempo de permanência maior que o seu produto. O trabalho do artesão, do escultor se enquadraria nessa concepção.

Práxis, por sua vez, é aquela atividade que tem como o seu principal instrumento, isto é, que utiliza o discurso como um meio para encontrar soluções. É o espaço da política, da vida pública. Diferentemente dos casos interiores aqui não há nenhum produto material resultante dessa atividade, como no caso do agricultor ou do artesão. Na práxis a atividade é totalmente livre, uma vez que só utiliza os objetos e as coisas produzidas pelos outros. A maior virtude consiste em utilizar bem as coisas, sem Ter que transformá-las através do trabalho (no caso, através do labor ou da poesis). Para compreender a posição dos gregos, muitos semelhantes a dos romanos, é necessário que entenda a questão da escravidão no interior dessas sociedades. Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que a sociedade greco-romana não era constituída somente de escravos e senhores.

Adaptado: TOMAZI, Nelson Dacio. *Iniciação à Sociologia*. São Paulo, 2ªed: Atual, 2000.

5. O labor de nosso corpo e o trabalho de nossas mãos

John Locke traça uma distinção entre as mãos que trabalham e o corpo que “labora” é, de certa forma, remanescente da antiga distinção grega entre o artífice (cheirotechnes), ao qual corresponde o hardwerker alemão, e aquele que, como os “escravos e animais domésticos, atendem com o corpo às necessidades da vida” ou na expressão grega, “trabalham com o corpo” (to somatiergazesthai), mesmo neste exemplo, o labor e o trabalho já são tratados como idênticos, pois a palavra empregada não é laborar (poneim), mas trabalhar (ergazesthai). Somente em um ponto, que porém, é, lingüisticamente. Mais uma vez, encontramos aqui completa unanimidade: a palavra “labor”, como substantivo, jamais designa o produto final, o resultado da ação de laborar; permanece como substantivo verbal, uma espécie de gerúndio, mesmo nos casos em que o nome do próprio produto, mesmo nos casos em que o uso corrente seguiu tão de perto a evolução moderna que a forma verbal da palavra “trabalho” se tornou praticamente obsoleta.

É interessante notar que as distinções entre trabalho qualificado e não-qualificado e entre trabalho manual e intelectual não desempenham papel algum na economia política clássica nem na obra de Marx. (...) Toda atividade exige certo grau de qualificação, tanto a atividade de limpar e cozinhar como a de escrever um livro ou de construir uma casa. (...) Mas esta conseqüência da divisão do trabalho, na qual uma atividade é dividida em tantas partes minúsculas que cada operário especializado precisa somente de um mínimo de qualificação, tende a abolir completamente o trabalho qualificado como Marx acertadamente previu. O resultado é que o que comprado e vendido no mercado de trabalho não é qualificação individual, mas a “força do trabalho” (labor), da qual todo ser humano deve possuir aproximadamente a mesma quantidade.

Bem diferente é o caso da categoria, mais popular, de trabalho manual e intelectual. Aqui, a conexão subjacente entre o homem que trabalha com a mão e o que trabalha com a cabeça é; mais uma vez, o processo do labor – no último caso, realizado com a cabeça, e no primeiro, por outra parte do corpo. Contudo, o processo de pensar, que se presume seja a atividade da cabeça, é ainda menos “produtivo” que o labor, embora de certa forma se assemelhe a este último, uma vez que o labor, embora de certa forma se assemelhe a este último, uma vez que o labor é também um processo que provavelmente cessa com a própria vida. Se o labor não deixa atrás de si vestígio permanente, o processo de pensar não deixa coisa alguma tangível. Por si mesmo, o processo de pensar jamais se materializa em objetos. Sempre que o trabalhador intelectual desejar manifestar seus pensamentos tem que usar as mãos como qualquer outro trabalhador. (...) A qualidade específica do trabalho (labor) e do trabalho intelectual não se deve menos ao “trabalho de nossas mãos” que a qualquer outro tipo de trabalho.

Adaptado: ARENDT, Hanna. A condição humana. Rio de Janeiro, 6ª ed: Forense Universitária, 1993

6. Mito de origem dos Índios Araras

Quando essa vida ainda não havia começado, existiam somente o céu e a água.

Separando-os, uma pequena casca que recobria o céu e servia de assoalho a seus habitantes. Na casca do céu a vida era plena, pois havia de tudo para todos.

A boa humanidade, protegida pela divindade Akuanduba, vivia conforme as coisas básicas da vida: acordar, comer, beber, namorar, dormir. Se alguém cometesse algum excesso, contrariando as normas, a divindade fazia soar uma pequena flauta, chamando a atenção de todos para que se comportassem de acordo com a boa ordem. Fora da casca do céu, existiam coisas ruins, seres atrozés e espíritos maléficó, contra os quais a boa humanidade estava protegida por Akuanduba.

Houve um dia, no entanto, que ocorreu uma grande briga da qual participou muita gente. A divindade fez soar a flauta, mas a multidão teimosa não quis parar de brigar. Nessa confusão, a casca do céu se rompeu, lançando tudo e todos para longe, para dentro da água que envolvia a casca.

Com a queda, todos perderam e todos os velhos e crianças morreram, restando apenas uns poucos homens e mulheres. Dos sobreviventes, alguns foram levados de volta ao céu por pássaros amazônicos, onde se transformaram em estrelas. Os que ficaram foram abandonados pelos pássaros nos pedaços da casca do céu que caíram sobre as águas.

Assim, surgiram os Araras que, para se manter afastados das águas, escolheram ocupar o interior da floresta. Até hoje, os Araras, habitantes do vale dos rios Iriri-Xingu, no Estado do Pará, assobiam chamando as araras quando as vêem voando em bandos por sobre a floresta. Quando pousam no alto das árvores, as araras, por sua vez, observam os índios e, ao notarem o quanto eles cresceram, desistem de levá-los de volta ao céu. Aqui já foram deixados outras vezes e aqui deverão permanecer. Os Araras, que antes viviam como estrelas, estão agora condenados a viver como gente, tendo que perseguir o alimento de cada dia em meio aos perigos que existem sobre o chão.

<http://www.museudoindio.org.br>

7. Eu etiqueta

Em minha calça está grudado um nome / Que não é meu de batismo ou de cartório / Um nome... estranho / Meu blusão traz lembrete de bebida / Que jamais pus na boca, nessa vida / Em minha camiseta, a marca de cigarro / Que não fumo, até hoje não fumei / Minhas meias falam de produtos / Que nunca experimentei / Mas são comunicados a meus pés / Meu tênis é proclama colorido / De alguma coisa não provada / Por este provador de longa idade / Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro / Minha gravata e cinto e escova e pente / Meu copo, minha xícara / Minha toalha de banho e sabonete / Meu isso, meu aquilo / Desde a cabeça ao bico dos sapatos / São mensagens / Letras falantes / Gritos visuais / Ordens de uso, abuso, reincidências / Costume, hábito, permência / Indispensabilidade / E fazem de mim homem-anúncio itinerante / Escravo da matéria anunciada / Estou, estou na moda / É duro andar na moda, ainda que a moda / Seja negar minha identidade / Trocá-la por mil, açambarcando / Todas as marcas registradas / Todos os logotipos do mercado / Com que inocência demito-me de ser / Eu que antes era e me sabia / Tão diverso de outros, tão mim mesmo / Ser pensante sentinte e solitário / Com outros seres diversos e conscientes / De sua humana, invencível condição / Agora sou anúncio / Ora vulgar ora bizarro / Em língua nacional ou em qualquer língua / (Qualquer principalmente.) / E nisto me comparo, tiro glória / De minha anulação / Não sou - vê lá - anúncio contratado / Eu é que mimosamente pago / Para anunciar, para vender / Em bares festas praias pégulas piscinas / E bem à vista exhibo esta etiqueta / Global no corpo que desiste / De ser veste e sandália de uma essência / Tão viva, independente / Que moda ou suborno algum a compromete / Onde terei jogado fora / Meu gosto e capacidade de escolher / Minhas idiossincrasias tão pessoais / Tão minhas que no rosto se espelhavam / E cada gesto, cada olhar / Cada vinco da roupa / Sou gravado de forma universal / Saio da estamperia, não de casa / Da vitrine me tiram, recolocam / Objeto pulsante mas objeto / Que se oferece como signo dos outros / Objetos estáticos, tarifados / Por me ostentar assim, tão orgulhoso / De ser não eu, mas artigo industrial / Peço que meu nome retifiquem / Já não me convém o título de homem / Meu nome novo é Coisa / Eu sou a Coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade.

8. Feriados Impõem Custo Alto ao Setor Industrial

A criação de feriados é um assunto que vem sendo recorrente nos últimos anos no Rio de Janeiro. Para fins de ilustração, em 2001, foi criado o feriado de São Jorge no município do Rio de Janeiro e, em 2002, o feriado municipal de Zumbi passou a ser estadual. Além disto, em 2001, tramitou pelo Legislativo uma série de projetos, como o que instituía o feriado de São Pedro, o que estimulou a avaliação dos impactos econômicos.

Sem entrar no mérito das datas comemorativas, cabe-nos alertar que a criação de feriados é extremamente custosa para a economia do Estado. Por um lado, há custos em termos de atividade econômica e negócios que deixam de ser realizados. Por outro, há os custos mais elevados impostos por atividades realizadas em dias de feriados. Dentre estes custos, ressalta-se os trabalhistas: o salário em dia de feriado custa o dobro para o empresário (segundo a Consolidação das Leis Trabalhistas, o trabalho realizado em dias de feriado deve ser pago em dobro, salvo se o empregador determinar outro dia de folga).

Não é possível saber com exatidão a perda em termos de atividade produtiva ou negócios que deixam de ser realizados. Uma boa aproximação é o valor de um PIB diário, que nos indica o valor máximo que esta perda pode alcançar. De fato, o limite superior da perda é um PIB diário, uma vez que há atividades comerciais, bem como de lazer e turismo, sendo conduzidas, e, em alguns casos, produção em processos contínuos.

A fim de estimar os possíveis prejuízos, foram consideradas as estimativas para o PIB do Estado para o ano de 2004. Com base nos 254 dias do ano comercial, obtém-se o valor de R\$ 964 milhões para um PIB diário no Estado do Rio de Janeiro. Do total de 17 feriados, 13 se deram em dia de semana. Ao levar-se em conta apenas os feriados que caem em dia de semana, chega-se a 11 feriados nacionais, 1 estadual e 1 municipal, implicando em perdas de R\$ 10,6 bilhões com feriados nacionais e R\$ 1,9 bi com os feriados estadual e municipal. Isto significa que poderíamos estar produzindo até R\$ 12,5 bilhões ou 5,1% a mais, se não fossem os feriados. Isto equivale a dizer que, a valores de hoje e supondo uma média de 13 dias úteis sem trabalho, pode-se perder até um PIB a cada 19 anos e meio.

Estas estimativas permitem que se tenha parâmetros acerca dos impactos econômicos negativos dos dias de atividade econômica suspensa, o que poderá contribuir para balizar eventuais propostas de criação de feriados.

09. Terra – Caetano Veloso

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...

Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Ninguém supõe a morena
Dentro da estrela azulada
Na vertigem do cinema
Mando um abraço prá ti
Pequenina como se eu fosse
O saudoso poeta
E fosses a Paraíba...

Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Eu estou apaixonado
Por uma menina terra
Signo de elemneto terra
Do mar se diz terra à vista
Terra para o pé firmeza
Terra para a mão carícia
Outros astros lhe são guia...

Refrão

Eu sou um leão de fogo
Sem ti me consumiria
A mim mesmo eternamente
E de nada valeria
Acontecer de eu ser gente
E gente é outra alegria
Diferente das estrelas...

Refrão

De onde nem tempo, nem espaço
Que a força mãe dê coragem
Prá gente te dar carinho
Durante toda a viagem
Que realizas do nada
Através do qual carregas
O nome da tua carne...

Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Na sacada dos sobrados
Das cenas do Salvador
Há lembranças de donzelas
Do tempo do Imperador
Tudo, tudo na Bahia
Faz a gente querer bem
A Bahia tem um jeito...

Refrão

11. A CULTURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

A cultura de um povo é a sua história. Percebemos a existência de um povo quando os objetos que constituem sua cultura: produção material, língua, mitos, religião, ritmos e gosto artístico, comidas típicas, formam uma determinada unidade. Para qualquer povo e em qualquer época que nós pensarmos e estudarmos este conjunto de coisas constitui a cultura.

Seguindo este raciocínio dizemos que a palavra cultura não se refere a um objetos claro e determinado. O significado de cultura varia de acordo com as épocas, com os lugares, com as classes sociais e mesmo com as pessoas. Poderíamos dizer que a cultura é o modo como a sociedade produz, se reproduz, representa e interpreta a si mesma e às outras sociedades.

A cultura é um fato milenar, porém, a idéia da cultura como algo que depende de um cultivo, de cuidado e de políticas próprias é algo muito recente, é contemporâneo.

Antes do século XVIII os povos viviam de acordo com conhecimentos e tradições milenares, porém esse fato raramente atraía a atenção os estudiosos. Os fatos importantes eram aqueles ligados aos saberes eruditos (próprios de quem tem muito estudo, a Ciência), à vida dos reis e dos santos, os fatos da política.

A idéia de que o povo tem cultura, de que o saber popular tem um valor próprio que deve ser prestigiado é recente. Surgiu juntamente com a formação dos Estados Nacionais e serviu para justificar a existência dessa forma de organização da sociedade, sobretudo a partir do século XVIII e XIX.

Por esta razão a cultura brasileira só começou a ser estudada após a independência do Brasil, em 1822, quando se formou o Estado nacional brasileiro. A elite política que proclamou a independência necessitava justificar este fato recorrendo à idéias de nação e tradições nacionais, separando a cultura brasileira da cultura portuguesa.

A valorização do saber popular atendia, dessa forma, aos objetivos políticos da elite, por isso reforçava aquelas características que aumentavam, direta ou indiretamente, o poder das classes dirigentes.

Estes estudos sobre as tradições populares, sua músicas, lendas, crenças, comidas, entre outras coisas receberam o nome de folclore (do inglês antigo "folk-lore"), seguindo uma tradição que se iniciou na Europa.

Assim, o estudo da História do Brasil e da cultura nacional tornou-se matéria acadêmica, isto é, estudo realizado por intelectuais das capitais.

Cada região do Brasil desenvolveu sua cultura e suas próprias tradições e, seguindo o desenvolvimento histórico do Brasil, foi estabelecida uma regionalização cultural: Norte e Nordeste, Sudeste, Sul e Centro Oeste.

Os estudos da cultura foram ampliados com o desenvolvimento da Antropologia cultural Esta ciência procura entender as mudanças culturais, sua evolução, o uso que as pessoas fazem dos bens materiais e simbólicos, os seus significados. Este modo de olhar é bem diferente do folclore que vê a cultura como algo parado, em extinção, algo primitivo, cuja importância era ser a essência do povo.

No Brasil, a Antropologia se desenvolveu a partir da criação das universidades, em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco. Antropólogos e sociólogos ampliaram os estudos sobre a cultura brasileira.

Outro fator que ajudou a ampliar a noção de cultura popular e fortaleceu os estudos folclóricos ou culturais foi o desenvolvimento político do povo brasileiro. Diversos grupos sociais, subalternos, passaram a questionar abertamente a hegemonia das oligarquias dirigentes e seu domínio cultural: o movimento operário sindical, os movimentos de consciência negra, as organizações indígenas (inicialmente defendidos por antropólogos), o movimento pela reforma agrária, entre outros. Além de renovar a noção de cultura, esses movimentos obrigaram o governo a se posicionar politicamente, criando instituições governamentais e estabelecendo políticas públicas.

Assim a cultura se desenvolve de acordo com as situações concretas da economia, da política e da organização da própria sociedade.

Dos anos 30 até os nossos dias a cultura brasileira tem sido objeto de estudos e de políticas públicas que procuram definir e demarcar um lugar para ela. A sociedade brasileira continua a criar sua própria cultura, separada dos estudos e das políticas públicas, mas, ao mesmo tempo, influenciada e enquadrada por elas.

Adriano Gama